

TRAÇADO DA ESTRADA ROMANA (VIA XVII - BRAGA-ASTORGA) EXISTENTE NO CONCELHO DE MACEDO DE CAVALEIROS

Carlos Alberto Santos Mendes¹

Resumo

Muito se tem escrito sobre as *vias romanas*. Sem dúvida que os seus registos permitem afirmar trataram-se das primeiras “estradas” que apesar de terem sido planificadas e concebidas há 2000 anos mantiveram a actualidade de construção até ao aparecimento da massa asfáltica. Macedo de Cavaleiros está na rota da estrada romana, Braga-Astorga, denominada Via XVII, troço com cerca de 7 km, todavia este trabalho vem levantar a questão da existência não só da correcção do traçado principal, como também da presença de uma possível variante, que flectindo para norte, em Lamalonga, seguiria por Argana, com destino as minas de Ervedosa. Pensamos que numa segunda fase do trabalho poderemos cimentar estas ideias.

Palavras-chave: Via XVII, Braga-Astorga, Lamalonga, Caminho do Bugio, Macedo de Cavaleiros

Summary:

A lot has been written about roman paths. Without any doubt that their records allow to confirm to be the first “roads”, which although it has been designed and made 2000 years ago, it maintain its construction until the appearance of the asphalt. Macedo de Cavaleiros is in the roman path route, Braga-Astorga, designated Via XVII, a 7Km section, nevertheless this work raises the question of the existence of not only the correction of the main road, but also the presence of a possible variant, turning to North, in Lamalonga, will follow to Argana, ending in Ervedos mines. We think that in a second phase of the work we can consolidate these ideas.

Key-Words: Via XVII, Braga-Astorga, Lamalonga, Bugio Path, Macedo de Cavaleiros

Introdução

Os trabalhos de prospecção para realocização inventariação e recuperação do traçado da via XVII (variante sul) que atravessa de Nascente para Poente a parte norte do Concelho de Macedo de Cavaleiros, foram efectuados a convite da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros à Associação Terras Quentes, no âmbito do projecto VIAS AUGUSTAS II – TRAÇADO DA VIA XVII (BRAGA-ASTORGA). As conclusões agora apresentadas resultam de uma primeira fase de prospecção (não de um trabalho final).

Sendo o objectivo desta primeira fase a realocização, detecção e inventariação bem como as necessidades de conservação e restauro dos troços da via, reservou-se para a segunda fase (que se prevê para a primavera de 2006) os trabalhos de limpezas e prováveis sondagens com a finalidade de se reconhecer os métodos construtivos dos troços, mormente do troço do caminho do Bugio localizado na aldeia de Argana.

Localização

Várias são as propostas de localização do traçado da via XVII, que passa pelo Concelho de Macedo de Cavaleiros. Privilegiaram-se as propostas de Rodríguez Colmenero [Colmenero, 2004,143] Tarcísio Maciel [Maciel:2005, 108-109]

A Via XVII (variante sul, Chaves/Babe) atravessa o território Macedense em cerca de 7 km (pela proposta de Rodríguez Colmenero, como pelo traçado apresentado por Tarcísio Maciel, os quais pouco diferem), entrando no Concelho a nascente do termo de Vila Nova da Rainha, passando por Lamalonga, aqui terminando junto ao termo de Agrochão, já no concelho de Vinhais.

¹ Mestre em História Regional e Local e Licenciado em Arqueologia e História pela FLUL. Presidente da Associação Terras Quentes, Rua Luciano de Castro Chameca da Caparica, carlm@sapo.pt

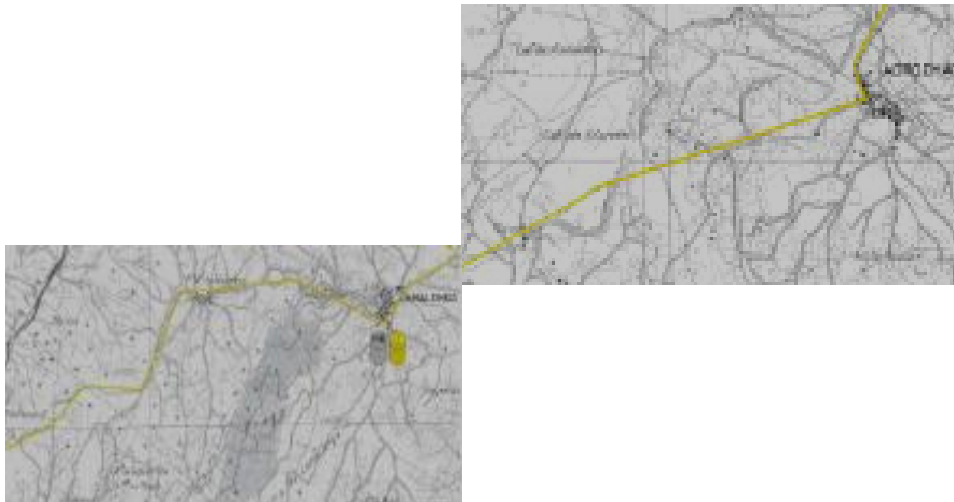


Foto 1. Proposta do traçado da via XVII que atravessa o Município de Macedo de Cavaleiros por Rodríguez Colmenero [Colmenero:2004,110 e 143]

Estado dos conhecimentos

Não compete a este trabalho tecer teorias sobre a totalidade da Via Militar romana designada por via XVII, que saindo de Braga se dirige em direcção a Astorga, já em território Espanhol, mas tão-somente debruçar-se sobre o troço que trespassa a parte norte do Concelho de Macedo de Cavaleiros atravessando a sua freguesia de Lamalonga. Daí reduzirmos o estado dos conhecimentos àquilo que vários autores têm escrito sobre esse traçado e comparámo-los com os resultados dos trabalhos agora desenvolvidos. Chamámos à colação aqueles que nos pareceram mais significativos.

Albino Pereira Lopo

Albino Pereira Lopo, [1987,36] nos seus apontamentos arqueológicos, referindo-se à via militar romana de Chaves a Babe, afirma: *Se reflexionarmos, ponderadamente, sobre as antiguidades encontradas nesta povoação, na de Castrelos, na de Lamalonga., e nos padrões ou marcos miliários de que os diversos autores nos têm dado notícias, encontramos definitivamente o trajecto da via militar romana de Chaves a Babe, sem admitir dúvida ou hesitação alguma conforme vai marcada na carta cartográfica da região. Quer-me também parecer que, o confronto e importância de todos esses achados arqueológicos com o conhecimento das milhas indicadas no Itinerário de Antonino, nos permitem fixar algumas estações ou cidades, compreendidas naquele percurso e referidas no mesmo itinerário. Assim parece concluir-se do seguinte quadro em que as milhas indicadas são as de que se serviu o professor José Henriques Pinheiro no seu livrinho “Estudos da estrada militar romana de Braga a Astorga, pág. 13”.*

A página 96 da mesma obra este autor referindo-se ao achado de dois miliários em Lamalonga, ressalta a sua importância desfazendo as dúvidas sobre a direcção seguida pela via XVII, assim: *Mas se, como provado fica, estas maras nenhuma relação têm com a via militar romana de Chaves a Astorga, nem por isso essa estrada deixou passar nesta povoação (Lamalonga) como o confirmam os dois cipós ou miliários encontrados juntos da capelinha de S. João e que a fotografia representa. Estavam enterrados a Sudoeste da Capela e são cilíndricos e de granito grosseiro: medindo o de pé 1,72m de alto e 1,73 de circunferência na parte mais grossa; e o outro tombado 1,66 de alto por 1,5m de circunferência. Este está tão deteriorado, que não se lhe vêem indícios de ter tido qualquer inscrição; naquele porém, posto*

que esteja bastante estragado, pode ainda ler-se a inscrição indicada no desenho. A 1ª linha está completa e bem clara, não admitindo dúvida, isto é: IMP FLAVIO VALLERIO, esta ultima com LL em vez de Valério. Na 2ª lê-se só, mas distintamente, CONSTANTIO. A 3ª está tão mal perceptível, que só depois de longo e aturado estudo é que se pôde reconstituir algumas letras: talvez OS ou B em vez de O; e L em vez de S. Na 4ª Vêem-se só distintamente as letras que vão indicadas. Não vi sinais de outra linha. A inscrição julgo-a fielmente copiada, regulando a grandeza das letras por 0,40m. Esta importante descoberta arqueológica veio desfazer todas as dúvidas e hesitações que havia sobre a direcção seguida dessa via de Chaves a Babe, como se vê no traçado junto da notícia das Antiguidades do Castelo d'Avelãs.

António Rodríguez Colmenero; Santiago Sierra e Ruben Asorey

Rodríguez Colmenero, na sua obra Miliários e Outras Inscriciões Viárias Romanas do Noroeste Hispânico, refere-se assim aos 7 km da via que passam a norte do Concelho de Macedo “ *Desde Val de Gouvinhas, a calzada avanzaba case en liña recta cara à ponte romana da Torre de D. Chama, desde onde, pólo norte e sem toca-la poboación deste nome, ascenderia, pola suave ladeira ali existente, camiño da aldea de Lamalonga, onde foram atopados outros dous miliarios (nºs 115,116) segundo se verá. Avanzaría seguidamente por Agrochao, Penhas Juntas e Edrosa*” Rodríguez Colmenero: [2004; 110]

Tarcísio Maciel e M. Justino Maciel

A obra destes autores “ Estradas Romanas no Território de Vinhais – a antiga rede viária e as suas pontes é sobretudo uma monografia, não deixando contudo, os autores, de tecerem considerações sobre o que se passa a montante e a jusante do território em análise. Transcrevemos a parte do texto referente ao território Macedense: ... *A partir daqui (ponte da pedra) até Castro de Avelãs a via não precisava de pontes, vadeando facilmente os pequenos cursos de água que se lhe deparavam entre os lombeiros montanhosos. Surge então Lamalonga, onde se registam dois marcos, um dos quais de Constâncio Cloro, encontrado em 1907 (Lopo, 1987, 96-97; Baçal 2000, 60,194 e 199; Redentor, 2002, 186-187)*

Passando seguidamente a via um pouco desviada de Fornos de Ledra e do Castro de S. Brás (Lopo, 1900, 279-280) em direcção ao Cabeço do Marco (Agrochão de Vinhais)⁵ topónimo de clara alusão a um miliário, onde referenciámos em 1996 e uma ara entretanto depositada no Museu de Agrochão. Deixando a Sul o Castro da Senhora da Piedade, a via seguia por Falgueiras, Penhas Juntas, com o seu Castro Mau (Baçal, 2000,182), Edrosa, também com o seu Castro (Baçal, 2000, 182), Portela do Zoio (Breia) aproximando-se então de Carrazedo....

Outros autores foram consultados, perpassando em todos eles a dificuldade do tema, parecendo que só recentemente se está a alinhar ideias sobre o traçado sul da via XVII, Chaves-Babe, a exemplo afirmava em 1955, Lerenio A. Barradas, (Barradas; 1955;160) que ... *Estes supostos traçados não se ajustam, em muito dos seus troços, como é natural, ao que se observa no campo, e às próprias indicações do «itinerário», em especial no que se refere a distâncias, apresentando voltas escusadas, com percursos extensíssimos, sem finalidade objectiva, à margem da economia dos transportes de pessoas e*

mercadorias, com perdas de tempo e de comodidades, e por conseguinte sem interesse prático, sobretudo sob o ponto de vista militar, que exige rapidez de comunicações.

Por estas razões não julgamos aceitáveis as hipóteses apresentadas por quase todos os autores que particularmente se têm ocupado destes estudos. Assim, por exemplo, entre outros, estão neste caso o percurso suposto por Argote, de Travassos da Chã a Chaves, passando por Ciada, Soutelinho e Pastoria..... Os de Hübner, ligando Chaves a Astorga, por Bragança. Os do Abade de Baçal, Albino Lopo, Celestino Beça e J. H. Pinheiro, com diversas variantes no distrito de Bragança, mas todas muito sinuosas. Todos eles mencionam locais, que a este respeito devem merecer confiança, mas fazendo parte de troços de vias diferentes que ainda não foram suficientemente destrinçadas, sem ligação entre si.....

Trabalhos de prospecção

Metodologia

A metodologia utilizada teve em conta, nesta primeira fase, os objectivos dos trabalhos, isto é, fazer uma prospecção no sentido de se proceder à relocalização/identificação e caracterização do traçado, possíveis variantes e sítios arqueológicos assim como de outros valores patrimoniais associados, tendo em conta as informações dos trabalhos já efectuados por diversos autores bem como as informações retiradas dos trabalhos que a Associação Terras Quentes vem desenvolvendo no Concelho de Macedo de Cavaleiros, ou ainda pelas informações orais recolhidas junto das populações, relacionadas com o percurso, no sentido de estabelecer a sua posição original.

Procedeu-se à inventariação e descrição exaustiva do percurso e seus elementos, métodos de construção e respectivo registo cartográfico à escala 1:25:000 e fotográfico em formato digital de todas as fases do trabalho. Cada elemento foi classificado e inventariado e descrito numa ficha de sítio, segundo os descritores estabelecidos no *Thesaurus do Endovélico* do Instituto Português de Arqueologia.

Foram definidas as necessidades de restauro ou valorização, com o fim de se proceder às acções de recuperação e revitalização para fins turísticos dos Itinerários romanos do Norte Peninsular.

Os trabalhos foram desenvolvidos em vários períodos durante os meses de Setembro (5/10; 19/24 e 26/30) e Outubro (12/19, 23/25 e dia 30). Participaram nos trabalhos, os Arqueólogos Carlos Mendes, Lúcia Miguel, José Miguel Costa Rodrigues, João Tereso e Helena Barranhão.

Privilegiou-se numa primeira fase de prospecção a identificação dos traçados propostos pelos vários autores, mormente Rodríguez Colmenero

Análise descritiva aos troços prospectados:

Vila Nova da Rainha (Mapa 1 troço A-3)

A ombrear a estrada nacional 206 no sentido Torre de D. Chama/Vila Nova da Rainha, a cerca de 1 km desta localidade, do lado direito da estrada, encontramos os primeiros vestígios da via XVII a entrar no Concelho de Macedo de Cavaleiros.



Foto-2 – Vestígios da via XVII a montante de Vila Nova da Rainha

É um troço com cerca de 900 metros, que vai desembocar nas primeiras construções que encontramos a poente, pertencentes a Vila Nova da Rainha. Sem preparação construtiva, contudo detectando-se em grande parte do traçado a existência de marcas (carris) dos rodados dos carros no afloramento xistoso.



Foto 3 – Pedras fincadas a ladearem o troço de Vila Nova da Rainha

Este troço tem a particularidade de ser seguir lateralmente à E.N. 206 (sentido Torre D. Chama/Vila Nova da Rainha) como também está a marginado, (na sua margem esquerda, nesse mesmo sentido), por pedras fincadas sendo que na sua margem direita é acompanhado por muro construído de pedra solta sobreposta sem grande rigor, parecendo contudo ser de cronologia mais recente.

Foi feita prospecção aos terrenos envolventes, não tendo sido encontrado quaisquer vestígios ou materiais que se pudessem associar ao período romano. Este troço coincide com o proposto por Rodríguez Colmenero

Vestígios de miliários encontrados em Vila Nova da Rainha

1º Miliário.



Fragmento de miliário reaproveitado



Miliário de Nozelos com inscrições indecifráveis

Este fragmento de miliário encontra-se à beira da estrada nacional 206, junto de da entrada para uma propriedade, a cerca de 600m de Vila Nova da Rainha. Não é visível nenhuma inscrição e as marcas de entradas de cunhas com uma cova circular no topo parecem ter sido reaproveitamento em peso de lagar.

2º Miliário

Este miliário, deslocado, é anepígrafo e está a exercer a função de suporte (pilar) de uma varanda numa habitação situada no centro da aldeia de Vila Nova da Rainha. Trata-se de um miliário não referenciado na bibliografia consultada.



Miliário no centro da aldeia de Vila Nova da Rainha

Traçado da Capela N^a. Sr^a das Dores (Vila Nova da Rainha/Lamalonga) (Mapa 1 B e B1)



Início do traçado visível junto à capela NS das Dores

É um traçado com cerca de 1,5km, que ladeia o monte onde se situa a Capela com orago a N^a. Sr^a das Dores, entra as localidades de Vila Nova da Rainha e Lamalonga. Interrompido por lavra a cerca de 400m da estrada nacional no sentido W-E do seu início.

Apresenta vários sinais de marcas de carris, bem como o seu leito decorre sempre com afloramento geológico à superfície

Neste troço, enquanto Rodríguez Colmenero propõem a sua passagem pela cumeada do monte onde se situa a capela de N^a Sr^a das Dores, pensamos que há que considerar o caminho que ladeia a cumeada (mais a sul) não só por se mostrar mais plano como também a diferença da distância a percorrer não será mais de 600/700 metros.



Outro aspecto do troço a sul da Capela NS das Dores

Topónimo Argana

Sobre o topónimo Argana, retira-se do Elucidário de Viterbo, pp. 564 e 565, a seguinte interpretação: ARGÃA s.f. segundo Corominas do latim angariellae “ **serviços de transporte, transporte obrigatório em cavalo ou em carro**, a sela de cavalo empregada para esse efeito”, derivaram angarillas (1396) e anguerillas, donde por metátese, saiu a variante arganillas (1378) donde se extraiu arganas ou arguenas (sec XIII)

Prováveis novos troços (variante?!) detectados entre Lamalonga e Argana (Mapa 1 troços (C, C1, D, D1, D2 e E)

Se bem que não seja definitivo, vários factores há que levar em consideração na detecção dos traçados das vias antigas (anteriores à revolução Industrial), e mormente no caso de vias militares, de transporte de mercadorias, *cursus publicus* (correio estatal) ou com outros fins, do período romano, é a descoberta de marcos miliários, que quando epigrafados e “in situ” nos dão grande certeza do traçado por aí ter passado, outro factor

em consideração é a existência nas proximidades de assentamentos populacionais coevos, ou outros interesses de índole económica, como a exemplo pontos de mineração.

O prolongamento da investigação em direcção à aldeia de Argana, prendeu-se com o facto da existência de várias informações de populares de aí existirem “estradas antigas”. Também o facto de estar ainda hoje presente, na memória popular, de que “Argana” seria em tempos muito antigos “o centro do mundo” (Áxis Mundi).

Este trajecto levou-nos a pensar na existência de uma ligação à povoação vizinha de Ervedosa, (já no Concelho de Vinhais), grande centro de mineração, na Idade média, mas também com vagas referências à existência de assentamentos pré-históricos e da antiguidade tardia.

Se em Argana encontrámos um fragmento de um miliário anepígrafo, pequeno monolítico, existência que ultrapassa a memória viva dos habitantes da aldeia, e que hoje serve de suporte a uma mesa junto de um tanque de água.



Fragmento do miliário de Argana, junto ao caminho do Bugio

Caminho do Pombal (Mapa 1 D1 e D2)

Este troço nasce junto da entrada sul da aldeia de Argana e estende-se de forma clara por 548m, no sentido sul a caminho de Lamalonga, findo esse troço ele continua mas com características de caminho mais recente, provavelmente por ter sido alvo de intervenção. Troço que vai ligar ao caminho municipal 1048, a cerca de 900m da sede de freguesia, Lamalonga.



Aspecto do caminho do Pombal – Argana

Caminho do Cemitério de Argana (Mapa 1; C e C1)

Troço com as mesmas características do caminho do Pombal, que começando também na saída sul de Argana (por caminho de terra batida) no sentido de Lamalonga, bifurca com o caminho do Pombal, (indo mais por norte), passando defronte ao cemitério da aldeia, prolongando-se por cerca de 1,2 km, aí perdendo-se por lavras de terras, mas que poderia ter a sua continuação em C1 (mapa1), indo terminar justamente frente à Capela de S. João, onde foram encontrados dois marcos miliários.



Final do 1º troço do caminho do Pombal, via cemitério (Mapa 1 C)

Caminho do Bugio (Mapa; 1 E1, E2)

Trata-se do troço mais bem conservado de todo o traçado, começa no final Norte do aglomerado populacional de Argana na bifurcação de dois caminhos, um de terra batida que segue em frente, na direcção de Ervedosa e, que foi aberto pelos serviços municipais há escassos anos e outro pela direita, conhecido pelo caminho do bugio em calçada, notando-se nesta, aqui e ali, uma preparação de sub-base assentando no afloramento rochoso. Esta calçada bastante íngreme, começa na cota 562, (GPS) em direcção a E, subindo, até atravessar os limites do Concelho de Macedo e entrar no Concelho de Vinhais, numa extensão de cerca de 1200 metros aí, à cota 643 (GPS), atravessando a cumeada sul do Cabeço da Pala da Raposa. Após entrar no termo de Vinhais, passa pelo planalto formado entre O Cabeço das Fontainhas e o Cabeço da Pala da Raposa, e tomando definitivamente o sentido norte em direcção a Ervedosa.

Para admitir um troço de calçada romana com 6,75% de inclinação, (não sendo caso único, mesmo em espaço Português) teria que existir uma razão (provavelmente económica) muito forte para tal investimento energético. Pensamos que a existência de mineração em Ervedosa não seria estranho a esse interesse.

A este respeito Moreno Gallo na sua obra sobre Vias Romanas afirma “ *A efectos prácticos, se admite que la resistencia al movimiento que aparece en rampas positivas es de tantos kilos por tonelada, como por milímetros por metro tiene de pendiente el camino [Escárnio Núñez, J.L.: 1976:32] citado por [Moreno Gallo:2004:37]. Máximo recomendable es hoy y probablemente en el mundo romano 8%, podemos decir que por cada tonelada de peso total aparecen 80kg de fuerza frenado en rampas de esa magnitud [Moreno Gallo; 2004, 38].*



Calçada do caminho do Bugio – Argana



Outro aspecto da calçada do caminho do Bugio – Argana

Também em Ervedosa, se descobriu um outro fragmento de provável miliário, que se encontra a servir de suporte a uma varanda numa habitação sita no centro da aldeia.



Fragmento de provável miliário em Ervedosa

5.8 – Troço no termo de Vila Nova da Rainha (Mapa 1 – A, A-1 e A-2)

Este troço pertencia a antiga estrada real que, vindo do Cais do Pinhão, passaria Vila Real, Mirandela, Vila Nova da Rainha, Lamalonga e que se dirigia a Vinhais. É uma obra que decorre nos anos sessenta do século XIX.

Na sessão da Câmara dos Deputados de 30 de Novembro de 1865 o deputado Júlio Carvalhal Sousa Teles apresentou a seguinte moção: ... Renovamos a iniciativa do projecto de lei 140 da Comissão de Obras Publicas, na sessão de 1864 que tem por fim declarar estrada real directa a do Cais do Pinhão a Mirandela, por Alijó e Abreiro, bifurcando-se em Mirandela, para Bragança e Vinhais”. [Alves:1975:220].



Estrada Real: Ligação da Torre de D. Chama a Vila Nova da Rainha

Troço no termo do Concelho de Vinhais (Mapa 1 E-2, E-3)

Troço que dá continuação ao troço E-1, E-2, (analisado em 5.6.). Já sem vestígio de calçada internando-se no termo do Concelho de Vinhais, provavelmente a ligação entre Lamalonga, Argana e Ervedosa, contudo perde-se num soute de castanheiro em terrenos lavrados, já no termo de Ervedosa.

Troço Carvalhal (Mapa 1 F1-F2)

Este troço a E de Lamalonga apresenta-se como alternativa ao troço representado na proposta de Rodríguez Colmenero e que seguiria já no termo de Vinhais pelo Cabeço do Marco.

Já no seu final encontramos um marco medieval com as inscrições **CA BAR**, que interpretamos como fazendo parte de outros existentes no Concelho de Macedo de Cavaleiros e que delimitavam o termo da “**CAza de BARganza**”, tal como aparece escrito em vários textos medievais.

Albino Pereira Lopo, nos seus Apontamentos Arqueológicos, debruça-se sobre a questão avançando porém com outras interpretações, com as quais não estamos de acordo.

Assim, a Páginas 94 e 95 este autor na sua obra atrás citada, propõe o seguinte:

Sobre “Uma inscrição”

Abundam em diferentes pontos divisórios do seu termo marcos de pedra de granito a que chamam MARRAS, em que se lê a seguinte inscrição. CA BAR

Que ao ser encontrada também em marcos de termos das localidades em volta de Bragança levantou grande discussão a sua interpretação, pois ora queriam que se lesse CABAR, como sendo estas pedras monumentos erguidas à lua que uma tribo árabe adorava sob este nome; ora pretendiam que queria dizer CA (caminho) de Bragança BAR, no tempo em que se escrevia Barganza; ora afirmavam que eram marcos miliários de uma estrada romana e por isso se devia interpretar A. BRAC, isto é tantos mil passos a Braga; ora finalmente opinavam que se devia ler CABAR, como indicando fim de termo, posto que esta palavra não existia na língua Portuguesa. Todas estas considerações desapareceram em virtude de existir junto do CERCADO a que já nos referimos umas grandes fragas de granito que servem de marcos divisórios dos termos de Lamalonga, Nozelos e Torre de D. Chama tendo uma a seguinte inscrição fundamente gravada numa só linha:

BARGA, em que o C parece antes um G. Não resta dúvida que esta inscrição quer dizer BARCA; e que a maneira porque se acha escrita nos marcos ou marras indica apenas um dos modos porque ao tempo se escrevia esta palavra; como também se escrevia conforme se lê no sítio de Mornotas num marco que divide os termos de Santa Comba e Moredo, no Concelho de Bragança que vem assim:

RCA

BA

E outro de Sendas do mesmo Concelho que vem desta forma.

BAR C, em que o A que lhe falta talvez esteja gasto e se não perceba. Desde Longos tempos denominavam BARCAS às fragas ou marcos divisórios dos termos, pois lê-se no nº 23 volume IV da Revista de Portugal de Eça de Queiroz de 1892, num artigo de Alberto Sampaio que vem a páginas 541-542 intitulado As Vilas no norte de Portugal, o seguinte: ... que esses marcos (dos romanos) se mantiveram e existiram ainda no período astur-lionês, não pode haver dúvida visto serem mencionados vulgarmente no D(iplomata). Um exemplo bastará. Afonso III doara ao bispo Sabaricus o mosteiro de Dume com os seus territórios per suos terminus antiquos.

No tempo do filho Ordonho II foi necessário por qualquer motivo identificar a demarcação antiga (D-17). Fez-se uma congregatio magna: o bispo apresentou o seu documento, nomearam-se peritos qui solent antiquitum comprobare ; recompor o passado era a preocupação dessa sociedade. Os peritos em presença dos magnates seculares e repetidas vezes petros-fictos, qui ob antico pró termino fueruntr constitutas – archa petrinea ab antiquio constructa- congesta petrina – origem, e outros marcos, como – “ad barca”-, qui sedat sculpta in petra – per scripta, ubi dicet terminum – terra rumeda qui fuit manu facta. São efectivamente sinais de demarcação romana ou arcas, congesta petrinea, a petra sculpta ou scripta, assim como também as pedras fictas e a terra tumeda [Lopo:1987:94,95]

Na epigrafia romana é usual encontrar-se G e C indistintamente, assim como B e V, ainda O em lugar de V, E em lugar de AE, dois II em lugar de E, e U em lugar de I – isto além dos erros provenientes da ignorância dos escravos canteiros, senão dos próprios escreventes.



Marco de delimitação do termo da Casa de Bragança

Proposta para a recuperação dos traçados a valorizar:

Troço A-2, A-3 (a montante de Vila Nova da Rainha)

Troço com cerca de 700 metros que necessita de limpeza dos valados de ambos os lados da calçada e realocação de algumas pedras fincadas que se encontram caídas. A limpeza desta calçada como em todas as outras deverá cingir-se ao corte de ervas e pequenos arbustos existentes e à limpeza superficial do seu leito

Trabalhos arqueológicos: vemos a necessidade de se proceder a uma ou duas sondagens com o objectivo de se detectar o eventual método construtivo desta calçada, visto a espaços apresentar-se com alguma potência estratigráfica e colocar-nos algumas dúvidas sobre a sua originalidade.

Sinalética: Pensamos ser necessário neste troço a colocação de 5 painéis indicativos, dois na estrada nacional 206, um no sentido O/E antes de chegar a Vila Nova da Rainha vindo no sentido de torre de D. Chama e outro no sentido E/O, vindo de Lamalonga e antes da chegada a aldeia de Vila Nova da Rainha. Uma outra sinalética a meio da calçada onde existe uma bifurcação de caminho e os outros dois painéis já dentro da aldeia a encaminhar o visitante para a calçada.

Troço B (troço que ladeia por sul o monte onde se situa a capela de N^a Sr^a das Dores).

Troço com cerca de 800 metros no qual se deve aplicar o mesmo método de limpeza indicado em 6.1.

Sinalética. Pensamos necessitar de 4 placas sinalizadoras, visto no seu início a O acabar a cerca de 300 metros da E.N. 206 havendo necessidade de indicação da localização calçada, não só aí, como na estrada nacional. No seu início por O existe uma bifurcação para a subida do monte em direcção à Capela da N^a S. das Dores que convém sinalizar assim como à entrada do traçado na E.N.206

Troço D-D1 (Caminho do Pombal - Argana)

Troço com 550 metros, onde a sua limpeza deve obedecer à metodologia que se indica em 6.1.

Sinalética: serão necessárias 6 placas indicativas. Duas no cruzamento da estrada nacional 206 com a estrada municipal 1048 direccionada a Argana. À entrada desta localidade haverá necessidade de colocar uma placa indicativa de duplo sentido da existência da calçada, já que a designada, pelo caminho do Pombal, tem o seu início a sul da Aldeia e a calçada designada pelo caminho do Bugio tem acesso pela saída norte de Argana.

Uma outra placa neste troço a ser localizada na bifurcação deste com o caminho do cemitério, havendo ainda necessidade de uma sexta placa indicativa no final do troço.

Troço do caminho do Bugio (E-1 a E-2)

Trata-se da calçada mais longa (com cerca de 1200m) e bem conservada de todo o circuito. Pensamos necessitar para além de limpeza de uma intervenção no sentido de se reconstruir cerca de 20 a 30 metros do início do troço que se encontra em estado bastante deteriorado o qual devido à sua grande inclinação terá tendência a curto prazo de desaparecer alguma da sua sub capa, ainda existente.

Quanto à limpeza do leito e valados da calçada usar-se-á a mesma metodologia como indicado em 6.1.

Sinalética: Necessitará duas placas sinalizadoras no início e final da calçada.

Fichas e descrição dos monumentos encontrados

Miliário de Vila Nova da Rainha 1



Tipo de sítio: Marco Miliário

Distrito: Bragança

Concelho: Macedo de Cavaleiros

Freguesia: Vila Nova da Rainha

Cronologia: Romano

Coordenadas geográficas:

X: 41°40'750 N

Y: 007°06'3810 O

Z: 435M

Descrição: Marco Miliário de forma sub-circular, apresentando um dos lados destruídos. Tem cerca de 1,76 m de altura e de momento tem como função a sustentação de uma varanda numa casa da localidade em questão. Não apresenta campo epigráfico.

Geologia: Granitos

Vegetação: sem vegetação

Visualização na paisagem: diluído na paisagem

Estado de Conservação: moderadamente conservado

Miliário de Vila Nova da Rainha 2



Tipo de sítio: Marco miliário

Distrito: Bragança

Concelho: Macedo de Cavaleiros

Freguesia: Vila Nova da Rainha

Cronologia: Romano (?)

Coordenadas geográficas:

X: 41°41.789 N

Y: 007°05.979 O

Z: 470 m

Descrição:

Marco miliário de forma troncónica em granito, com cerca de 53 cm de altura e 2.34 de diâmetro. Não apresenta qualquer tipo de inscrição. Poderá ter sido reutilizado como uma mó, devido à presença de ranhuras laterais. Apresenta ainda uma abertura circular no seu interior, que também poderá estar relacionada com a sua reutilização, assim como várias circunferências em seu redor.

De momento encontra-se à entrada de uma propriedade com acesso pela estrada nacional.

Geologia: Granitos

Vegetação: Vegetação rasteira

Inserção na paisagem: destaca-se moderadamente na paisagem

Estado de Conservação: moderadamente conservado

Marco do Vilarinho



Distrito: Bragança

Concelho: Macedo de Cavaleiros

Freguesia: Lamalonga

Cronologia: Moderno/Contemporâneo

Coordenadas geográficas

X: 41°41'00"N

Y: 007°04'14"O

Z: 652m

Descrição: Bloco de granito de faces irregulares, com cerca de 1.10m de altura e de forma sub-rectangular. Apresenta uma face Oeste gravada com as palavras CA/BAR.

Aparente ter sido utilizado como marco delimitador do termo da Casa de Bragança.

Geologia: Granitos

Vegetação: Arbustos densos

Visualização na paisagem: destaca-se medianamente na paisagem

Estado de Conservação: moderado

Marco Miliário da Capela de S. João (1)

Foto (Lopo:1987;96)

Tipo de sítio: Marco Miliário

Distrito: Bragança

Concelho: Macedo de Cavaleiros

Freguesia: Lamalonga

Cronologia: Romano

Descrição: Marco miliário de forma cilíndrica, ligeiramente mais largo no topo do que na base, com cerca de 1,72m de altura e 60cm de diâmetro. A inscrição ocupa a parte superior da superfície cilíndrica.

“ Ao Imperador Flávio Valério Constâncio [...], nobilíssimo César ”

Foi identificado a sudoeste do adro da capela de S. João e encontra-se depositado actualmente no museu Abade de Baçal em Bragança.

Geologia: Granitos

Estado de Conservação: deficiente

Miliário da Capela de S. João (2)



Foto (Lopo:1987;96)

Tipo de sítio: Marco Miliário

Distrito: Bragança

Concelho: Macedo de Cavaleiros

Freguesia: Lamalonga

Cronologia: Romano

Descrição: Marco Miliário de forma cilíndrica, com cerca de 1,66 de altura e 48cm de diâmetro. Não apresenta campo epigráfico. Foi também descoberto a sudoeste do Átrio da Capela de S. João. Após a sua descoberta, ficou a servir de apoio a uma varanda, tendo sido destruído na década de 70 do século XX, quando a mesma foi remodelada.

Geologia: Granitos

Miliário da Carvalhal



Tipo de sítio: Marco Miliário

Distrito: Bragança

Concelho: Macedo de Cavaleiros

Freguesia: Lamalonga

Cronologia: Romano

Coordenadas geográficas:

X: 41°41.012N

Y: 007°04.025°

Z: 573m

Descrição: Marco miliário de forma semicilíndrica em granito, com cerca de 1.90m de altura e 1,40m de diâmetro na sua parte mais grossa. Não apresenta nenhum tipo de epígrafe. Em relação ao seu estado de conservação, este elemento apresenta-se já ligeiramente partido na parte superior Norte.

De momento este elemento está a ser utilizado como limite de propriedade contíguo à estrada nacional.

Contactada a proprietária do terreno sobre a origem deste miliário a mesma informou que este foi

deslocado de uma habitação da qual é proprietária situada defronte à Igreja de Lamalonga, não sabendo a sua posição original.

Geologia: Granitos

Vegetação: Vegetação rasteira

Inserção na paisagem: destaca-se bem na paisagem

Estado de Conservação: moderadamente conservado

Argana

Miliário de Argana



Fragmento do miliário de Argana

Tipo de sítio: Marco Miliário

Distrito: Bragança

Concelho: Macedo de Cavaleiros

Freguesia: Lamalonga

Cronologia: Romano

Coordenadas geográficas:

X: 41°41.821N

Y: 007°04.763O

Z: 566m

Descrição: Marco miliário de forma cilíndrica, com cerca de 1,82 de diâmetro e 43cm de altura. Encontra-se partido e não apresenta qualquer tipo de campo epigráfico. De momento está a ser utilizado como base para uma mesa no quintal de uma casa na mesma localidade, e defronte ao início da calçada do Bugio.

Geologia: Granitos

Vegetação: sem vegetação

Inserção na paisagem: destaca-se medianamente na paisagem

Estado de Conservação: deficiente

9- Bibliografia

AAVV

Cadernos "Terras Quentes" nº 2
Edições ATQ/CMMC, 2005, Macedo de Cavaleiros

Alves, Francisco Manuel

Memórias arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança
Tomo IX, Reedição do Museu do Abade de Baçal, 1975, Bragança

Árias, Gonzalo

Los caminos del duumviro Lépidus y otras vías romanas
Repertorio de caminos de la Hispania romana, 2004. s.l.

Árias, Gonzalo

Catálogo de vías romanas e caminos milenarios de Hispania
El Miliário Extravagante, nº 91, 2004, Málaga

Barradas, Lerenio A. Engº Agrónomo

Vias Romanas das regiões de Chaves e Bragança
Revista Guimarães s.d. s.l.

Caamaño Gesto, José Manuel

El trazado de la Vía 18 del Itinerario de Antonino en Galicia
Cadernos de Arqueologia, Série II, 12-13, 1995-96, pp.45-87, Porto

D'Encarnação José

Miliários da Geira: informação e propaganda
Cadernos de Arqueologia, Série II, 12-13, 1995-96, pp.39-43, Porto

Lemos, Sande e Baptista, António Martinho

Estudo de um troço da Via XVIII do Itinerário de Antonino na serra do Gerês (a Geira Romana)
Cadernos de Arqueologia, Série II, 1995, pp. 113-133, Porto

Maciel, Tarcísio e Maciel M. Justino

Estradas Romanas no Território de Vinhais (a antiga rede viária e as suas pontes)
Câmara Municipal de Vinhais (Gabinete de Arqueologia e Património)
Empresa do Douro do Minho, Lda., 2004, Vinhais.

Mendes, Carlos Alberto Santos

Macedo de Cavaleiros, Cultura Património e Turismo, contributos para um programa integrado.
Edições ATQ/CMMC, 2005 Macedo de Cavaleiros

Moreno Gallo, Isaac

Vías Romanas, Ingeniería y Técnica Constructiva
Ministerio de Fomento, Dirección General de Carreteras, Montereina, S.A.
2004 España

Lopo, Albino dos Santos Pereira

Apontamentos Arqueológicos, Instituto Português do Património Cultural
Braga, Julho de 1987

Rodríguez Colmenero, Antonio; Ferrer Sierra, Santiago; Assorey D.Álvarez, Rubén

Miliários e outras Inscrições Viárias Romanas do Noroeste Hispânico (Conventos Bracarense, Lucense e Asturicense)
Conselho da Cultura Galega (Sección de Património Histórico), Colección Gran Formato Grafic-Lugo, S.L. 2004 España.

Rodríguez Colmenero, Antonio

Mansiones y mutaciones en la Vía Nova (XVIII del Itinerario de Antonino)

Cadernos de Arqueologia, Série II 12-13, 1995-96, pp. 89-112, Porto

Saa, Mario

As grandes vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio

Livro 1, s. Ed., 1967, s.l.

Santos Yangyas, Narciso y Emílio Cartes

Vías de Comunicacion y romanizacion del Occidente de Asturias

II Congresso Peninsular de História Antiga, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,

Instituto de Estudos Clássicos, Instituto de Arqueologia,

1993, Coimbra.

Viterbo, Frei Joaquim de Santa Rosa de

Elucidário Tomo I reimpressão, Livraria Civilização, 1993, Porto

Elementos cartográficos

Carta Militar de Portugal, nº 49, escala 1:25.000, edição 1967

Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.

Carta Militar de Portugal, nº 49, escala 1:25.000, Série 888 Edição 2

Serviços Cartográficos do Exército, 1996, Lisboa.

Guia turístico do Norte,

Mapa do Nordeste Transmontano, Escala 1:240.000

S.d., e s.l.

Instituto Nacional de Gestão Agrária

Delegação de Macedo de Cavaleiros

Fotografia de Satélite, Vilarinho de Agrochão, Agrochão, Lamalonga, Argana, Vila Nova de Rainha,

Fornos de Ledra e Ervedosa. 2004.